

5 Conclusão

A presente investigação teve como tema central a racionalidade, buscando evidenciar as diferenças significativas entre as razões instrumental e substantiva. Para tanto se recorreu, como embasamento teórico principal, à Teoria dos *Stakeholders*.

Entendeu-se que uma das formas de fomentar o debate acima seria através da descrição da co-existência das racionalidades instrumental e substantiva nos discursos dos membros de uma corporação (Empresa) e suas investidas (Investidas).

À pergunta de pesquisa proposta, **como co-existem as racionalidades instrumental e substantiva nos discursos dos respondentes da Empresa e de suas Investidas**, respondeu-se que esta se dá de forma variada, prevalecendo, no entanto, no caso em tela, traços da racionalidade instrumental, sobretudo nos discursos das lideranças das Investidas.

Em relação aos aspectos teóricos a suportar a investigação, destaca-se que a presença, na Teoria dos *Stakeholders*, de uma clara distinção entre razão instrumental, a orientar a vertente de mesmo nome, e a de natureza substantiva, a suportar a vertente normativa, foi fundamental para a fundamentação desta pesquisa. Enquanto esta última abordagem da teoria orienta-se ao endereçamento da mudança proposta no decorrer deste trabalho, sobretudo no item 2.1, cuja graduação varia de acordo com os fundamentos teóricos a embasá-la.

Em relação à versão instrumental da teoria, pode-se associar um comprometimento com a manutenção do *status quo*, condicionando-se a ampliação de foco de atuação corporativa ao interesse dos acionistas. Não há, portanto, mudanças significativas em relação à principal teoria ética concorrente – a dos *Stockholders*.

Com base no exposto acima, esperava-se, na prática, uma maior aderência dos discursos colhidos com a racionalidade substantiva, associada à vertente normativa da Teoria dos *Stakeholders*.. Tal ponto é reforçado pela importância que a empresa atribui ao diálogo, às emoções, à tomada de consciência individual, ao respeito a todos os seres vivos que, quando associados ao propósito declarado de atuar na construção de um mundo melhor, lastreiam a valoração da substantividade e o foco na mudança.

Em base à classificação proposta por Humphreys et al. (2002), referente à formação de conexões entre as narrativas individuais e organizacionais, quatro categorias relacionais são passíveis de manifestação: identificação, não-identificação, schizo-identificação, e identificação neutra. No primeiro caso há uma ligação ativa, e percebida como positiva, entre a identidade individual e aquela organizacional, enquanto no segundo esta ligação é igualmente ativa, mas tida como negativa. A schizo-identificação ocorre na presença da simultaneidade das duas situações anteriores, ao passo que na identificação neutra tem-se presente o traço da imparcialidade e da passividade (Humphreys et al., 2002).

Em referência ao caso em tela pôde-se perceber a presença de todas as categorias acima, exceto aquela associada à neutralidade. Exemplificando, tem-se que, ao passo que o discurso do presidente da Investidora corresponde a um processo de identificação, aquele do presidente da Investida C mais se aproxima da não identificação.

Atesta-se uma grande variabilidade no tocante à racionalidade presente nos discursos dos respondentes, em boa parte alinhados à instrumentalidade, sugerindo um potencial distanciamento destes com o discurso acerca dos valores e propósito corporativos apresentados formalmente pela Empresa.

A combinação da breve existência da Empresa, com pouco mais de oito anos de existência, com o fato de ser esta a sucessora de uma terceira companhia, pode ser determinante para a aparente inconsistência verificada. Outro potencial ponto de destaque para a dissonância verificada reside no fato da adoção de orientações diversas na construção do debate acerca do tema da sustentabilidade, inclusive com a contratação de consultorias orientadas diversamente do ponto de vista valorativo para assessorar a Empresa e as Investidas.

Associando-se o fato acima com a consideração de que a prática do diálogo tem o dom de promover entendimentos compartilhados, realidades negociadas, e, por fim, [implicar] em níveis maiores de “consistência coletiva, coerência, e continuidade” (Burgoyne, 1995; Isaac, 1993, *apud* Humphreys et al., 2002), faz crescer em relevância a existência de debates pouco compartilhados no interior da Empresa e, sobretudo, entre as lideranças desta e de suas Investidas.